

Custo de produção:

O agricultor e o professor universitário se encontram. A conversa gira em torno dos custos de produção, levantando dúvidas, esclarecendo conceitos e respondendo às mais diferentes questões que envolvem o tema. Confira o conteúdo didático elaborado por um especialista

ELISEU ALVES

Seu Manoel é um agricultor que, como muitos, sempre teve dúvidas sobre como calcular os custos de produção de sua atividade. Eram tantas essas dúvidas, que, por mais de uma vez, admitiu, de maneira constrangida, que não sabia qual era o valor do que produzia, fossem grãos ou leite. Tinha apenas uma vaga idéia, considerando o que sobrava no final do mês. E quando não sobrava? Daí entrava em pânico.

Para sua sorte, um dia, recebeu a visita do professor Fernando, um economista 'dos bons', que dava aulas numa escola de agronomia de muito prestígio, em Minas. O mestre queria comprar umas novilhas leiteiras para entrar no negócio, já que, segundo suas contas, parecia estar muito interessante em termos de rentabilidade. Foi então que 'seu' Manoel resolveu juntar o útil ao agradável.

Prometeu vender o melhor que tinha no rebanho, só que em troca exigia uma aula exclusiva e bem detalhada. Se possível, com uma didática que deixasse o "economês" de lado, que tanto lhe causava arrepios quando começava a fazer as contas. O professor sabia bem ao que o agricultor estava se referindo, já que por muitas vezes havia sido desafiado, em suas palestras, com a mesma proposta. Confira abaixo o suposto diálogo, pra lá de esclarecedor.

Manoel – Me diz uma coisa, professor: calcular o custo de produção faz a gente ganhar mais dinheiro?

Professor Fernando – É claro que sim. Se um quilo de milho custou mais caro para produzir que o preço de venda, significa que o sr. trabalhou duro e per-



um diálogo esclarecedor

deu dinheiro. Conhecendo o custo de produção, a gente pode saber o quanto perdeu.

Manoel - Perder dinheiro é muito ruim. Deixa de 'ser urubu', professor!

Professor Fernando - Não é essa minha intenção. Da mesma forma, se o preço do milho for mais alto que o custo de produção, é certo que sr. vai saber quanto ganhou.

Manoel - E daí professor? O cálculo só serve para me dizer se fico triste ou se fico alegre? E se meu amigo Joaquim ganhar mais do que eu? Vendemos o milho pelo mesmo preço e pagamos os mesmos preços pelos insumos. O meu amigo Joaquim está ficando rico e sei que está de olho gordo para comprar o meu sítio.

Professor Fernando - Cuidado com olho gordo! O Joaquim há muito tempo calcula o custo de produção de seu sítio. Conversa com um grupo de agricultores e eles discutem o que pode ser melhorado. Quais despesas podem ser eliminadas e como reduzi-las. Por isso, o Joaquim está ficando rico. Por que o sr. não se junta ao grupo?

Manoel - Bom conselho. Mas o professor não respondeu à minha dúvida. O que quero saber é o que vou fazer com o custo de produção? O sr. não vai ensinar como a gente volta ao passado e corrige os erros, vai? Professor, o sr. tem aquela máquina do tempo?

Professor Fernando - Deixe de gozação, 'seu' Manoel. O doido é o professor Pardal. Mas o sr. fez duas observações muito importantes. A primeira: o conhecimento do custo de produção ajuda a gente a conhecer os erros que cometeu para poder corrigi-los no planejamento do próximo ano e dos anos seguintes. A segunda: o custo de produção é calculado para o ano seguinte, usando as informações do ano anterior, mas com liberdade total para ajustá-las. Assim, é possível, depois de avaliar as alternativas factíveis, manter o sítio tal qual é, ou mudá-lo, ampliá-lo, eliminar atividades e até mesmo vendê-lo. Esta liberdade de planejar, mesmo para deixar tudo como está, é muito importante. Por isso, o que se decidir fazer tem um custo de oportunidade, porque o sr. deixou de fazer algumas coisas no lugar da opção que escolheu. O sr. comprou um boi, mas poderia ter comprado uma vaca; comprou um arado, mas poderia ter comprado uma grade; poderia ter deixado de investir e depositado o dinheiro no banco, a juros... Também não existe custo fixo. Em tese, tudo é variável.

Manoel - Mas, me desculpe. Para que saber o custo? Eu quero é saber quanto me sobra para gastar com a família, pagar dívidas e investir. O

resto é 'papo para boi dormir'?

Professor Fernando - Calma! O sr. é que parece estar dormindo. Vejamos bem. Digamos que um saco de milho custou R\$15 e o foi vendido por R\$20. O sítio produziu 500 sacos. Sobraram $500 \times 5 = R\$ 2.500$. Pronto! Resposta rápida! Como o sr. vê, o custo de produção serve para gente saber o quanto sobrou, o que pode ser feito com a sobra e que espaço há para melhorar. Muita coisa, não é seu Manoel? Por isso, vamos responder à pergunta devagar. Até mesmo para o sr. entender o significado de palavras como empreendedor e capitalista.

O EMPREENDEDOR E O CAPITALISTA

Manoel - O professor só complica. Vivi muito bem sem lidar com essas duas palavras. Do capitalista, ouço dizer que é um parasita que vive de juros; do empreendedor, sei que é um cabra rico e folgado. Tenho mesmo que saber o significado dessas palavras?

Professor Fernando - Tem sim, 'seu' Manoel. O sr. vai descobrir que também é um capitalista-empresendedor. E que o capitalista, que o sr. é, ganha dinheiro ou perde. E o mesmo ocorre, quando usa a camisa de empresário.

Manoel - Sou ruim para entender explicações longas. Um exemplo é o melhor caminho, por favor.

Professor Fernando - Que tal um exemplo em que o 'seu' Jorge é o empresário e 'seu' Abílio é só capitalista? O 'seu' Abílio ficou velho. Tem 100 ha de terras que servem para plantar milho. Ele quer alugar a terra com as benfeitorias por R\$30.000/ano. Aí, 'seu' Jorge vai ver o sítio. Pede um aluguel menor. Mas fecha o negócio e decide plantar o milho. Quando 'seu' Jorge fechou o negócio e resolveu plantar o milho, ele virou um empresário. Vai custear a lavoura e correr os riscos, ou seja, vai empreender um negócio.

Manoel - Já saquei. O 'seu' Abílio é o capitalista. O 'seu' Jorge é o empresário. Sua remuneração é o que sobrar depois de pagar os R\$30.000 e as outras despesas. Como a produção pode quebrar pouco ou muito, o 'seu' Jorge corre muito risco. A sobra somente paga este risco, não é?

Professor Fernando - É isso aí, 'seu' Manoel. O trabalho que o 'seu' Jorge fez como produtor, na supervisão do trabalho dos filhos e dos empregados, entrou nas despesas. A única despesa que foi deixada de fora

é o risco que o 'seu' Jorge correu. A sobra já referida remunera, portanto, este risco.

Manoel - A sobra é igual à receita menos as despesas, não é? Que nome o sr. deu para a sobra?

Professor Fernando - Que esperto o sr. é! Inventou uma equação: sobra = receita - despesas!

Manoel - Não quero elogios. Qual é o nome, professor?

Professor Fernando - Que impaciência, 'seu' Manoel! Depois, vai reclamar de tanto nome. Renda líquida é o nome. Sua equação é agora: renda líquida = sobra = receita - despesas.

Manoel - Deixa de ser preguiçoso, professor! Detalha, numa tabela, o dispêndio que o 'seu' Jorge vai ter que enfrentar para cultivar 100 ha de milho. Veja, professor, não falei de custo, e sim, de dispêndio. Ah! Aprendi que custo é um termo técnico, ligado a uma tal função-custo, da qual não entendo patavina!

Professor Fernando - Que bom que falou da função-custo. Os dados são de uma lavoura mecanizada, do plantio à colheita. As máquinas e os equipamentos são alugados. O 'seu' Jorge acha que alugar é o melhor negócio. Não vamos questionar os dados. Eles foram arranjados para ensinar algumas lições.

Manoel - O que o sr. quer ensinar com esta Tabela 1?

Professor Fernando - Várias coisas. Vamos por partes. Note, de início, que o saco custou R\$15. Agora, considere em primeiro lugar que o 'seu' Jorge investiu R\$180.000 e o retorno foi de R\$60.000. Uma taxa de retorno de 33,33%, num período de setembro a junho, portanto, em dez meses. Correu muito risco, é verdade. Por isso, é empresário. Ele é um empresário competente, porque obteve uma taxa de retorno elevada comparada com a poupança. Em segundo lugar: a quem 'seu' Jorge fez pagamentos? A vários capitalistas. A 'seu' Abílio, R\$30.000, de quem alugou os 100 ha de terra. Pelo aluguel de máquinas e equipamentos, aos donos delas. As firmas que venderam os insumos. Em terceiro lugar: o que ele pagou pela mão-de-obra familiar e por outros dispêndios. Veja que o 'seu' Jorge, mesmo pagando os juros do empréstimo, é competente: obteve ótima taxa de retorno, 25,79%. O custo do saco de milho é R\$ 15,90 = (190.800/12.000).

Manoel - Se o 'seu' Jorge tivesse recursos próprios, ou parte deles, para fazer face às despesas, ele não seria um capitalista?

TABELA 1
DISPÊNDIOS NUMA LAVOURA DE MILHO COM 100 HECTARES,
TODA MECANIZADA E QUE PRODUZ 120 SACOS
POR HECTARE. TABELA 1 CORRIGIDA

Tipo de dispêndio	Valor
Aluguel de terras e benfeitoria	30.000,00
Insumos (fertilizantes, herbicidas, calcário etc.)	100.000,00
Aluguel de máquinas e equipamentos	30.000,00
Trabalho familiar	10.000,00
Outros dispêndios	10.000,00
Subtotal	180.000,00
Juros sobre o subtotal (6% ao ano)	10.800,00
Dispêndio total	190.800,00
Venda de 12.000 sacos a R\$ 20,00/saco	240.000,00
Renda líquida (venda - total)	49.200,00
Taxa de retorno (renda líquida/Dispêndio total) (%)	25,79

Professor Fernando - Certo, 'seu' Manoel. E os juros continuariam incidir sobre os R\$180.000. Af, nada muda. Exceto que o 'seu' Jorge pagaria juros para ele mesmo. O empreendedor Jorge pagando juros ao capitalista Jorge. Mas isso não aconteceu. Combinamos que o 'seu' Jorge é somente empreendedor. Todo o capital é de terceiros: terras, máquinas e equipamentos, recursos para financiar o custeio.

Manoel - Não entendi como o empréstimo será pago, pois, sobraram somente R\$49.200, que é a renda líquida. Este valor não dá para pagar R\$180.000 e os juros, de R\$10.800. Ou seja, de onde 'seu' Jorge tirou dinheiro para pagar R\$ 190.800?

Professor Fernando - Ora, o sr. sabe muito bem de onde vem o dinheiro. O empréstimo de custeio é necessário porque as despesas ocorrem diariamente, e a receita vem no final da safra. Com o dinheiro do empréstimo, 'seu' Jorge, ao longo do período, pagou igual valor de despesas. Somente sobraram para pagar os juros, de R\$10.800. 'Seu' Jorge, portanto, somente deve o empréstimo de R\$ 180.000 e os juros. Esta é a única dívida do 'seu' Jorge, no valor de R\$190.800. A receita de R\$240.000 paga a mesma, e sobra a renda líquida de R\$ 49.200.

Manoel - Com quanto dinheiro a família do 'seu' Jorge ficou para gastar e investir?

gastar dívidas e guardar uma reserva para o futuro. Se a terra fosse de propriedade do 'seu' Jorge, a família contaria com mais R\$ 30.0000. A família pode ter outras fontes de renda. Mas esta é a renda da família proveniente do sítio do 'seu' Jorge.

Manoel - Nada disso, professor. Ele poderia ter vendido a safra antecipadamente. É verdade que pagam um preço antecipado muito baixo pelo milho. Mas concordo que a família precisa estar preparada para custear suas despesas, até que venha a colheita. Por isso, muitos gostam de produzir leite. Tem receita todo mês.

**RESPONSABILIDADES
E AÇÕES DIVIDIDAS**

Manoel - Percebi o golpe do professor. Ele construiu o exemplo com todo o cuidado para atender a algum propósito. Vejamos, o 'seu' João tem 100 ha de terra, as benfeitorias

Professor Fernando
 - Para gastar no próximo ano, 'seu' Manoel. O 'seu' Jorge somente recebeu dinheiro quando vendeu a colheita. A renda da família - olha aqui outro conceito - é igual à renda líquida mais algum pagamento que foi feito à família, em termos de insumo. No caso, R\$ 49.200 + R\$ 10.000 = R\$ 59.200. Note que são R\$10.000 de trabalho familiar. A família do 'seu' Jorge conta com R\$ 59.200 para fazer face às despesas correntes, para fazer investimentos, pagar

e os equipamentos. É produtor de milho. Como podemos aproveitar o que aprendemos até aqui?

Professor Fernando - 'Seu' Manoel o senhor descobriu o meu propósito secreto! Vê longe. Vamos dividir o seu João em dois. João-capitalista e João-empreendedor, e, assim, voltamos ao caso anterior. O João-capitalista é dono do capital, inclusive financia o custeio. E o João-empreendedor aluga o capital do João-capitalista e somente produz milho. O João-capitalista recebe do João-empreendedor, no final da safra, os aluguéis da terra, de máquinas e equipamentos, benfeitorias e animais. Recebe também o valor do empréstimo de custeio, acrescido de juros. O João-empreendedor cuida de produzir. Paga ao João-capitalista o que lhe é devido e paga as demais despesas; vende a safra e obtém a renda líquida, como no caso anterior. Na Tabela 2, os dispêndios somam também R\$ 180.000. O João-capitalista empresta estes montantes ao João-empreendedor, que vai lhe pagar no final da safra. Consideramos como sendo um ano o prazo do empréstimo.

O João-capitalista, para o montante do empréstimo, usa recursos próprios ou toma empréstimo de bancos e de particulares. Recebe o pagamento do João-empreendedor e quita, com o montante recebido, o empréstimo.

Manoel - Então, o João-empreendedor fica por conta de produzir, e as finanças são de responsabilidade do João-capitalista. Porque os juros incidem sobre R\$ 180.000, e não somente sobre o pagamento a terceiros? Ora, o 'seu' João só precisa de financiamento para fazer face às despesas com terceiros. Não é verdade?

Professor Fernando - O 'seu' João está planejando a propriedade para o ano que vem. Como vimos, tem ampla liberdade, inclusive de deixar tudo como está. Há, assim,



Svensk Avel do Brasil Raça Sueca Vermelha e Branca

A melhor raça nas provas de cruzamentos na Califórnia 2004



Raça selecionada geneticamente
 para Sanidade, Resistência a Mastite,
 Produtividade e Fertilidade

GENÉTICA SUECA
 Seleção Holandesa P&B e
 Sueca Vermelha e Branca

Visite o site

www.geneticasueca.com.br

e conheça a raça de maior sucesso
 na atualidade. Garanta a melhor
 genética em seu rebanho

**SVENSK
 AVEL**

Caixa Postal 112277
Armação dos Búzios - Rio de Janeiro
CEP 28950-000 - Tel.: (22) 9972-4545



TABELA 2

DISPÊNDIOS NUMA LAVOURA DE MILHO DE 100 HECTARES, TOTALMENTE MECANIZADA E QUE PRODUZ 120 SACOS POR HECTARE/DISPÊNDIOS DO JOÃO-EMPREENDEDOR

Tipo de dispêndio	Quem recebe	Valor
Aluguel de terras	João-capitalista	25.000,00
Depreciação pura de benfeitorias (fundo de depreciação)	João-capitalista	3.000,00
Manutenção de benfeitorias	Terceiros	2000,00
Depreciação pura de máquinas e eqüips. (fundo de depreciação)	João-capitalista	10.000,00
Operação e manutenção de máq. e equip.	Terceiros	10.000,00
Aluguel de máq. e equip. de terceiros	Terceiros	10.000,00
Trabalho familiar	João-capitalista	10.000,00
Insumos (fertilizantes, herbicidas, calcário etc.)	Terceiros	100.000,00
Outros dispêndios	Terceiros	10.000,00
Subtotal (2)	-	180.000,00
Juros de 6% sobre (180000-180-600)	João-capitalista	10.429,00
Dispêndio Total	-	190.800,00
Custo de produção (R\$/saco)	-	15,90
Venda de 12.000 sacos a R\$ 20,00/saco	-	240.000,00
Renda líquida (venda - Total)	João-empendedor	49.200,00
Taxa de retorno (renda líquida/Dispêndio total) (%)	-	25,79

muita coisa que o 'seu' João poderia fazer com o sítio e o capital que lá tem investido. Pode produzir soja, leite ou outras atividades. Pode vender tudo e por o dinheiro a juros. Assim, os investimentos em terras, máquinas e equipamentos, animais e custeio têm um custo de oportunidade. Esta é a razão para incidir os juros sobre os R\$180.000, mesmo que parte dos recursos seja da família. Por isso, precisamos do João-capitalista, que é dono de todos os bens de capital e aluga para o João-empendedor. A Tabela 2 trata do João-empendedor.

Manoel - Noto que o montante de dispêndio é o mesmo. Procurou-se caracterizar quem recebe os pagamentos e com que finalidade?

Professor Fernando - A finalidade, além de calcular o custo de produção, é obter a renda que a família recebe: os recursos provenientes da fazenda, que a família pode gastar. Veja que o João-capitalista recebe os R\$190.800 do empréstimo de custeio, de R\$180.000, que fez ao João-empendedor. Se este valor, ele captou no mercado, o João-capitalista efetua o pagamento e não lhe sobra nada. Se forem recursos próprios, tem que guardar R\$180.000 para a próxima safra. So-

bram os juros. Já os dispêndios com os bens de capital são divididos em **depreciação pura** e despesas de manutenção. Para entender a depreciação pura, considere que o bem vale R\$ 100.000. A vida útil é 10 anos, considerando-se a intensidade de uso. Como sucata, nada vale, a fim de simplificar a argumentação. A depreciação pura vale R\$ 10.000. Este valor não pode ser gasto. Será usado para repor o bem, quando terminar sua vida útil. Depois, temos, para benfeitorias, as despesas de manutenção. Para as máquinas e equipamentos, temos as despesas de manutenção e operação, além da depreciação pura.

Manoel - O que é isso, professor? Cadê o custo de oportunidade de máquinas e equipamentos e benfeitorias?

Professor Fernando - Veja que as de-

preciações de benfeitorias, máquinas e equipamentos estão entre as parcelas que somam R\$180.000. E neste montante, aplicamos 6% de juros para obter o custo de oportunidade. Sendo assim, cuidamos do custo de oportunidade, pelo qual o sr. perguntou. Ele seria dado pelos juros que incidiriam sobre a depreciação pura de benfeitorias e máquinas e equipamentos. Mas fizemos exatamente isso. Note que esta apresentação é mais simples.

VALOR DO ALUGUEL DEFININDO AS CONTAS

Manoel - Professor, não estamos estimando o aluguel destes itens? E ele não se compõe, no caso das benfeitorias, da manutenção pura e dos juros sobre a depreciação? E no caso de máquinas e equipamentos, da depreciação pura, dos juros sobre elas e das despesas de manutenção e operação? Não são estes os valores que terceiros nos cobraríamos? Nesse caso, os juros vão incidir sobre o valor estimado, e não somente, sobre a depreciação pura! O professor está fugindo de aplicar juros sobre juros? Confesse, professor!

Professor Fernando - A melhor maneira de resolver o problema é descobrir o valor de mercado do aluguel. No caso de máquinas e equipamentos, o valor é, mais frequentemente, dado por hora de trabalho. Digamos que seja R\$ 30/hora. O 'seu' João necessita, ao ano, de 500 horas. O aluguel anual é de 15.000. A máquina vale R\$50.000 e tem uma vida útil de 25 anos, sendo o valor de sucata igual a zero.

A depreciação anual pura corresponde a R\$ 2.000. E o valor de operação e manutenção será de R\$13.000.

Manoel - Como fica a renda familiar do 'seu' João?



NAS PRINCIPAIS CASAS AGROPECUÁRIAS E COOPERATIVAS

Pappi-APP

Curto prazo de tratamento de 6 a 8 dias.

A solução mais rápida e eficaz para PAILOMATOSE VERRUGAL.



- Produto em gel de fácil aderência.
- Alta absorção e penetração.
- Rápida aplicação e fácil manejo.
- Não apresenta reações alérgicas.

krona

Farm Uses



A Solução definitiva para doenças do casco.

NAS PRINCIPAIS CASAS AGROPECUÁRIAS E COOPERATIVAS

krona

Farm Uses

CASCO

CASCOS FORTES E SADIOS

- Aderência no casco.
- Endurece o casco.
- Forma camada de proteção.
- Ação Penetrante no casco.



MAKROQUÍMICA
PRODUTOS QUÍMICOS LTDA

www.makroquimica.com.br

SAC (0xx43) 3321-6565

ESTAMOS CADASTRANDO REPRESENTANTES

Professor Fernando - Ela é composta da renda líquida e daquilo que o João-capitalista recebe. As parcelas correspondem à renda líquida e aos aluguéis dos bens de capital.

Renda líquida	R\$ 49.200,
Aluguel da terra	R\$ 25.000,
Depreciação pura de benfeitorias	R\$ 3.000,
Depreciação de máquinas e equipamentos ..	R\$ 10.000,
Empréstimo recebido	R\$ 180.000,
Juros sobre R\$ 180.000	R\$ 10.800,
Trabalho familiar	R\$ 10.000,
Total	R\$ 288.000

A família arrecada R\$288.000. Mas note que os R\$180.000 têm que ser preservados para financiar a próxima safra, se eles fizerem parte de uma reserva da família. Nesse caso, os juros de R\$10.800 podem ser usados para financiar as despesas da família. Se o João-capitalista obteve os R\$180.000 por empréstimo, então, o principal e os juros pagarão a dívida contraída pelo João-capitalista. Assim, a família pode contar com R\$97.200 para financiar suas necessidades. Este valor se acrescerá de R\$ 10.800, se os R\$188.000 forem recursos próprios.

Manoel - Descobri uma falha na sua argumentação, professor. A família não pode

gastar a depreciação pura. Tem que ser bem aplicada para renovar benfeitorias, máquinas e equipamentos, na hora que surgir a necessidade. A família realmente dispõe de R\$ 84.200.

Professor Fernando - Grato pela correção.

Manoel - Por que o sr. usou a palavra dispêndio, em vez de custo?

Professor Fernando - Digamos que haja 10 agricultores que, pela mesma metodologia, calcularam o custo de produção do milho. Este custo por saco variou de R\$12 a R\$18. Conferiram-se as contas. Não se encontrou nada errado. A heterogeneidade de solos e recursos naturais explicou diminuição da diferença. Os dez agricultores resolveram organizar a produção de tal modo a convergir o custo por saco para o menor valor, R\$12. O exemplo ilustra a idéia de que existe um custo mínimo e de que cada agricultor deve buscá-lo. O dispêndio estimado por saco pode não coincidir com o mínimo que o agricultor poderia ter obtido. Este dispêndio por saco, minimizado, é o custo de produção. Juntar numa mesa de discussão alguns agricultores, sob a mesma metodologia de cálculo de custo, é uma forma de ter uma idéia aproximada de qual é o custo mínimo. Ou seja, o dispêndio mínimo, observadas as restrições do agricultor, é o seu custo



total de produção, e dividindo-se este pelo número de sacos de milho produzido, obtém-se o custo médio de produção, R\$/saco. Logo, o dispêndio não é equivalente ao custo de produção, a não ser por pura coincidência.

Manoel - Há uma dúvida me atormentando. Quando o empreendedor aluga o trator de um terceiro, o valor do aluguel é claro. Ele é uma parcela do dispêndio total. Como se aplicam 6% de juros sobre o dispêndio total, o aluguel também é acrescido, implicitamente, deste valor. E o se o trator fosse do capitalista? Obtém-se no mercado o valor do aluguel, ou então, se estima o mesmo. E este valor será o aluguel do trator, professor?

Professor Fernando - Correto! Mas precisamos saber qual é a depreciação pura, porque o seu valor não pode ser gasto pela família. Então, o aluguel de mercado, ou o estimado, é dividido em duas parcelas, que, se somadas, dão mesmo valor: depreciação pura e manutenção-operação. Este último valor é igual ao aluguel menos a depreciação pura.

Manoel - Não se aplicou juros sobre juros?

Professor Fernando - Não. É o valor de aluguel que conta para o empreendedor. É sobre ele que exercerá a decisão de alugar ou não alugar, na qual se assenta o custo de oportunidade. É claro que o aluguel foi feito depois de uma boa sondagem entre os ofertantes de serviços de trator.



Eliseu Alves é pesquisador da Embrapa.

ENSINANDO À PARTE

O professor Fernando cuidou ainda de ensinar ao 'seu' Manoel alguns princípios básicos para um melhor entendimento da aula. Entre as questões específicas, abordou como administrar os valores envolvendo custo fixo, impostos e seguros.

Custo fixo - As respostas não deixaram dúvidas de que o custo é calculado para o próximo ano e que o empreendedor tem plena liberdade de repetir a experiência do passado, reorganizar o negócio e, mesmo, vendê-lo. Por isso, todos os recursos, incluindo a terra, máquinas e equipamentos, benfeitorias e os animais têm custo de oportunidade, não são fixos, podem ter seus valores mudados. Assim, não faz sentido desdobrar o custo em custo fixo e variável.

Impostos - O modelo de produção se assemelha a uma grande panela. O empre-

endedor põe aí os insumos, cozinha, e saem os produtos. Somente pode ser computado como gasto o dispêndio nos insumos. Um imposto que não incida sobre um insumo não pode ser computado como gasto. O imposto de renda é um exemplo. O custo é calculado em nível de porteira. Isso facilita as discussões entre produtores.

O imposto de renda não é parte do custo. É da responsabilidade do empreendedor. Incide sobre a renda líquida. O imposto territorial é adicionado ao custo do aluguel da terra. Se a terra é alugada de terceiros, o contrato de aluguel pode estabelecer que o dono da terra pagará o imposto territorial. Neste caso, não incluir o imposto territorial, pois ele já está embutido no valor do aluguel.

Em relação aos impostos sobre insumos, o correto é adicioná-los ao valor do próprio insumo. Na maioria das vezes, o imposto já está cristalizado no insumo, e aí, nada há acrescentar. A exceção mais conhecida é o trabalho. O salário é composto do que se paga ao trabalhador e de todos os impostos, taxas e contribuições que incidam sobre a folha de pagamento.

O preço que o produtor recebe é livre

de impostos, taxas e contribuições, no âmbito da porteira, obviamente, descontado o custo de transporte. O preço do insumo é baseado no âmbito da fazenda, acrescido do custo de transporte, impostos, taxas e contribuições, como já foi dito. O custo é, assim, calculado no âmbito de porteira. Desse modo, fica mais fácil para um agricultor conversar com outro.

Completando, as contribuições e taxas, que dizem respeito ao trabalho, devem ser adicionadas aos salários. As contribuições patronais têm que ser examinadas com cuidado. Aquela que se paga porque se é proprietário da terra incide sobre a terra, ou seja, aumenta o aluguel da terra - a contribuição sindical rural é um exemplo; aquela que se paga à Contag incide sobre o trabalho, e deve ser adicionada ao salário.

Seguros - É preciso examinar a natureza do seguro. Um seguro sobre veículo onera a operação do veículo, e deve ser adicionado ao dispêndio em máquinas e equipamentos. Um seguro contra frustração de safra tem que ser descontado do valor da venda da produção.